

Doze derrames ou do
menos-que-humano ao mais-
-que-material: secretar a vida
no segredo e na secreção

*Twelve Spills: From the
Less-than-Human to the More-
-than-Material — Secreting Life
through Secrecy and Secretion*

*A Mulher é a única e ininterrupta erupção avassaladora da mulher femi-
nante e também o espectro de paisagens associadas às diferentes mulheres
feminadas: '[...] era o equinócio... verde primavera noites iguais... cânions
se abrem, no fundo fumegam fumarolas, cozinhando a vida tropical como
verduras numa panela, denso, perfume de entorpecente, um véu de cheiro...
[...] Este é o Mundo imediatamente anterior [aos humanos].’... A Mulher
é a mätéria que informa, nutre e irriga os viventes com sua força vital.*

Thomas Pynchon

comido por Gabriel Catren

comido por La Femme

Resumo

O ensaio propõe uma filosofia eruptiva e encarnada, que toma a feminação como forma vital e princípio especulativo de pensamento. A partir da relação entre o menos-que-humano e o mais-que-material, o texto experimenta modos de fabulação que atravessam corpo, matéria e linguagem — como secreções que erupcionam e pensam. O texto reivindica uma crítica à razão moderna e falocêntrica, propondo uma ficção que se apresenta como gesto filosófico e político. Em doze derrames, o texto performa um pensar-sentir que se move entre o mito, a placenta e o vulcão, delineando uma filosofia mais quente, fabulatória e indisciplinar.

Palavras-chave: matéria, fabulação, filosofia, ficção, língua.

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). ceciliacavalieri@gmail.com

Abstract

The essay proposes an eruptive and embodied philosophy that takes femination as a vital form and speculative principle of thought. Emerging from the relation between the less-than-human and the more-than-material, the text experiments with modes of fabulation that traverse body, matter, and language — as secretions that erupt and think. It claims a critique of modern and phallogocentric reason by proposing fiction as both a philosophical and political gesture. Through twelve spills, the text performs a thinking-feeling that moves between myth, placenta, and volcano, outlining a hotter, more fabulatory, and undisciplined philosophy.

Keywords: matter, fabulation, philosophy, fiction, language.

Derrame 1.

Uma erupção avassaladora pode ser um vulcão, um furúnculo, uma espinha, um cisto purulento, um grão germinante, uma nascente de água, um bebê que nasce, um vômito que não se pode conter. A erupção da mulher como gesto *feminante* diante do mundo é a passagem para a mulher propriamente dita, ou seja, a passagem para a *mulher feminada*. Mas é outra a relação que existe entre os dois sentidos de mulher: pois aquilo que é *feminado*, enquanto está em processo de ser *feminado*, de *feminação*, vai de um termo a outro. Mas para onde? Não é para o ponto de partida; é para aquilo a que tende, ou seja, para a forma; assim, é a forma que é a mulher. A mulher em si, e portanto a *mulher feminada*, (CAVALIERI, 2019) não é senão uma forma. Mas que forma ela teria?

Derrame 2.

Em “Nós somos vulcões” Ursula Le Guin afirma saber que as pessoas sentem medo e raiva quando as mulheres falam, “porque nesta sociedade bárbara, quando mulheres falam verdadeiramente elas falam de forma subversiva — elas não podem evitar: se você está por baixo, se você é mantida embaixo, quando você rompe, você subverte. Nós somos vulcões” (LE GUIN, 2023). Quando nós, mulheres, oferecemos nossa experiência como nossa verdade, como verdade humana, “todos os mapas mudam. Há novas montanhas.” Então, talvez, uma das formas possíveis da feminação da mulher seja, exatamente, a forma de montanha; da montanha que secreta aquilo que não pode ser contido: todo um continente e, com ele, uma língua.

Derrame 3.

Em “Sobre a terra somos belos por um instante”, Ocean Vuong afirma que “O peso médio de uma placenta é de aproximadamente 700 gramas. Um órgão descartável onde nutrientes, hormônios e excreções passam entre a mãe e o feto.” Vuong repara também naquilo que é falado pelo órgão temporário. “Assim, a placenta é uma espécie de linguagem – talvez a nossa primeira, nossa verdadeira língua materna. Aos quatro ou cinco meses, a placenta do meu irmão já estava plenamente desenvolvida. Vocês dois estavam conversando – por meio de enunciados de sangue.” Em minha tese *Notas metafísico-meta-bólicas de uma experiência mamífera* (Programa de pós-graduação em Artes Visuais, UFRJ, 2022), afirmo que leite é linguagem por motivos análogos ao de Ocean: leite era um estado pré-linguístico da língua, uma língua-mãe em constante calibração aminoácida, gordurosa, doce, proteica e vibrante. Em nossas mitofísicas particulares e localizadas, encontramos um chão comum: a língua láctea e a língua placentária secretavam línguas maternas mais-que-materiais [pois linguagem] e menos-que-humanas [pois coisa viva].



Etna. Fotografia de 2017. Arquivo pessoal.

Derrame 4.

A emersão incontida desse continente, pela lava e pela palavra, pela língua mãe, faz surgir o que estamos tentando pensar, aqui, como uma menos-que-humanidade. O menos-que-humano traz pro chão a menor experiência de humanidade, a menor diferença que a sustenta e que faz erupcionar o instinto da montanha: um jorro de lava. A menos-que-humanidade se apresenta num outro sentido daquilo que se apressa como o mais-que-humano, o para além do humano, o humano superado que convencionamos nomear nos estudos da virada não-humana na antropologia e na filosofia. Com a montanha nos interessa contornar aquilo que é um aquém do humano, aquilo que nos interessa enquanto partícula individuada em equilíbrio metaestável (SIMONDON, 2020), pronta para a erupção. A menos-que-humanidade está aquém porque é sempre localizada, é um saber situado e fala por baixo, fala de dentro, faz falar. A menos-que-humanidade é aquela que fala a língua-mãe das coisas, aquela que faz da palavra da matéria um *amuyt-aña*, como diria Silvia Rivera Cusicanqui acerca da filosofia de seu povo aymara: um sentir-pensar que conceitualmente recusa a decolonialidade estabelecida como disciplina acadêmica para pensar o gesto super-humano e colonial diante dos mundos e performada também pelo que, segundo Silvia, nomeou-se giro-decolonial (CUSICANQUI, 2015). Nesse sentido, o pensar-sentir como gesto filosófico diante do mundo é, também, uma disputa política pelo lugar e pelo sentido da filosofia. Pensar-sentir está distante do falocentrismo, apontado por Luce Irigaray, que estrutura o campo, e vai no limite kantiano da crítica: a ficção.

Derrame 5.

Um pequeno grande *zum zum zum* zumbido. Não nos surpreende que, segundo a tradição ocidental, a fabulação seja aquilo que se situa no espaço do que Immanuel Kant designa como limite externo ao projeto da crítica, contra a qual a crítica se erige enquanto tal, sustentando os limites da razão. Portanto, a partir do momento em que entendemos que a própria noção de crítica está em crise, a crise da crise, é preciso fazer uma crítica da crítica ou pensar a partir de uma perspectiva metacrítica extramoderna, tomando não mais o *eu-transparente* anunciado por Denise Ferreira da Silva (SILVA, 2022), sujeito branco aferidor da razão universal que se sobredetermina ontologicamente a partir da subalternização racial do outro, mas sim uma germinação não originária emaranhada, anarqueológica, abrindo mão das ferramentas modernas com a qual a crítica, ainda tão moderna, opera. Uma crítica metacrítica poderia considerar que uma poética menos-que-humana não é uma poética na qual outros-que-humanos são representados ou descritos mesmos em suas complexidades, mas é uma poética na qual se *fala-com* e *a partir de*, um *a partir de* que não é apenas seguir e investigar, mas “se deixar ins- truir; aprendendo a não apenas cartografar redes de relações, mas a circular entre elas”, como sugere Vinciane Despret (DESPRET, 2023). O surgimen- to de uma recente corrente que se autodetermina *ecocrítica*, por exemplo, ainda opera com as ferramentas modernas que nos dicotimizam entre nós (humanos, humanizados e observadores) e eles (animais, animalizados e ob- servados), desconsiderando o regime material-semiótico, como diria Donna Haraway (HARAWAY, 1992), que constitui aquilo que se produz enquanto narrativa, sempre especulativa, ignorando que a ficção de *poder* (nosso) *sobre* (eles) é a ficção dominante em vias de ruir. Para isso usamos as ferramentas da antropóloga estadunidense Elizabeth Povinelli das *Economias do Abandono* (POVINELLI, 2011), que afirma que “a questão da crítica (ou o devir crítica) não é tornar-se *lógos*, mas manter-se ruído, uma nuvem de mosquitos irritan- te, zoante, ligeiramente fora do alcance da mão que esmaga ou do tubo de spray de baygon.”

Derrame 6.

Matéria deriva do latim *mater* que significa, literalmente, mãe. O mais-que- material diz respeito à dimensão materna de toda coisa: sua matriz. Se ma- téria é, grosso modo, o que se produz diante daquilo que oferece resistência,

ou melhor, se de acordo com os princípios básicos da física tudo aquilo que oferece resistência gera matéria, tomar o campo filosófico como espaço de disputa política é também engendrar outros modos de fazer filosofia: pensar-sentir pela matéria e, por isso e portanto, mais-que-material. A fabulação como experimento filosófico se apresenta como um problema. Peter Szendy, autor de *Kant chez les extraterrestres* (2011), cunhou o termo filosoficção para falar desses experimentos que são ao mesmo tempo, segundo o autor, ficcionais e filosóficos. Nesse experimento, Szendy cunha o termo para estabelecer uma relação entre a filosofia e a ficção científica, sem necessariamente desenvolvê-lo, mas indicando a deriva fabulatória de filósofos como Kant, Husserl... Mesmo em seu furor propositivo e muito alegremente aceito pela comunidade acadêmica ao nos ofertar o conceito de filosoficção, Szendy não percebeu que criara para si um pequeno problema. Ao propor pensar uma filosofia que é, também, ficção, ou uma ficção filosófica, é evidenciado um binômio curioso, filosoficção, curioso porque ele dá a ver os motivos pelos quais a filosofia precisa se acoplar declaradamente a um outro campo do saber, nitidamente lido como menor, para poder justificar o fato de não ser uma filosofia feita do jeito que espera o campo filosófico.



Dora, Julia, Etna. Fotografia de 2017. Arquivo pessoal.

Derrame 7.

Pensemos, então, nesse binômio: no que a filosofia precisa se apoiar para justificar um modo de fazer filosófico não legitimado como tal pela própria instituição da filosofia? Por que a sua ficção, ou seu modo de transitar entre pensamento e fabulação, não pode ser chamada simplesmente de filosofia? Me parece, aqui, que há uma disputa política pelo sentido de filosofia, de uma filosofia que não é performada do jeito que se espera dela; é importante disputar politicamente esse lugar, negar a curralização da ficção e instituir a arte como gesto filosófico diante da vida. Rondinelly Medeiros nos lembra que o sertão das caatingas foi nomeado, invadido, esquadrinhado, despojado, e, finalmente, cercado e reduzido a propriedade para ser curralizado (o curral, aliás, se fixou como o perímetro fundacional da colonização do semiárido: a fazenda é curral de gado, a senzala e o aldeamento, currais de gente; mais para a frente, o coronel terá seu curral eleitoral, os retirantes flagelados serão confinados naquilo que será primeiro chamado de currais do governo, depois de abarracamentos, depois de campos de concentração; mais para frente ainda, o açude será o curral das águas... (MEDEIROS, 2025). Nesse sentido, curralizar a ficção no latifúndio da filosofia é também subalternizá-la diante da sobredeterminação epistemológica do pensamento legitimado como filosófico. Lembremos Sigmund Freud, cientista e médico que ao revolucionar o campo da psiqué humana, e ao disputar politicamente o sentido e o lugar da ciência, teve como único reconhecimento, em vida, pelo seus escritos, indicações ao Nobel de literatura ao lado de Thomas Mann e, em 1930, o Prêmio Goethe de distinção literária. A ciência produzida por Freud, em vida, foi reconhecida como uma excelente ficção.

Derrame 8.

Então, no que aquilo que escapa ao logos está o mais-que-material do que sustenta a ficção como filosofia? A mais-que-materialidade do pensar-sentir articulados em palavra e pensamento fermentam a capacidade especulativa de experimentos filosóficos que excedem ao campo dada a sua indisciplinaridade descurrealizada e iridescente. Mais-que-material é compreender que ouro não é só ouro, leite não é só leite, vulcão não é só vulcão, placenta não é só placenta, mas dar a ver a complexidade metabólica daquilo que é segredo secretado na sua constituição invisível em constante feminação. Diz Ursula:

“É isto o que eu quero – escutar vocês entrando em erupção”. Se, com Deleuze, *pensar é seguir a linha de fuga do voo da bruxa*, uma filosofia mais-que-material e menos-que-humana é planetária e placentária, e também mais quente do que fria, mais fabuladora do que lógica, mais eruptiva e, portanto, disruptiva.

Derrame 9.

Podemos começar pelo meio: nos arriscar brincando com o Diagrama Entropológico (FIDYK, 2019) ativado pelo filósofo e bruxo Valentin Fidyk na discussão sobre a dinâmica entropológica entre filosofia e ambiente: como a filosofia, ao longo do tempo, tem se relacionado com o ambiente (entendido tanto como natureza)? A ideia de uma “filosofia fria” (baixa entropia), que geraria um “ambiente quente” (alta entropia), sugere que sistemas de pensamento ordenados e rígidos poderiam levar a desequilíbrios ambientais e sociais.

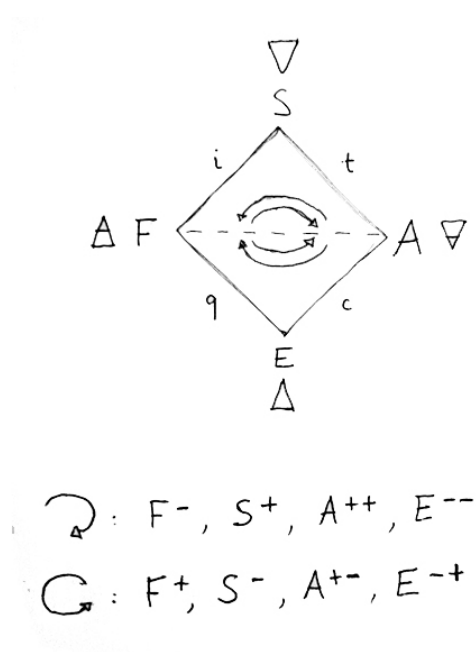


Diagrama entropológico: desenho de Valentin Fidyk. 2019.

Por outro lado, uma “filosofia quente” (alta entropia), mais flexível e receptiva, poderia favorecer um ambiente mais equilibrado, ainda que instável. A forma problemática toma como ponto de partida a posição da filosofia fria, com o objetivo de simbolizar seu próprio potencial entropológico: socialmente perverso, destrutivo para o ambiente e energeticamente em colapso. Podemos trocar filosofia quente por ficção, bem como filosofia fria por filosofia analítica? A dinâmica entropológica do pensamento, segundo o diagrama do Mago, nos ajuda a pensar as mudanças climáticas pelo viés contracolonizador e descurrealizante da experiência mitofísica menos-que-humana e mais-que-material de toda filosofia que se permite especular.

Derrame 11.

Vocês, jovens vulcões Monte Santa Helena, que não conhecem o poder que há em vocês —, quero escutar vocês. Quero escutar vocês falando entre si e para todos nós: caso estejam escrevendo um artigo ou um poema ou uma carta ou dando uma aula ou conversando com amigos ou lendo um romance ou fazendo um discurso ou propondo uma lei ou dando uma sentença ou cantando para o bebê dormir ou discutindo o destino das nações, eu quero ouvir vocês. Falem com a língua da mulher. Apareçam e nos contem como já é tarde da noite! Não nos deixem afundar novamente no silêncio. Se não contarmos nossa verdade, quem contará? Quem falará por minhas crianças e pelas de vocês? (LE GUIN, 2023)

Derrame 12.

A forma mulher é a língua-mãe da loucura e da vida, da filosofia viva do pensar-sentindo, no segredo e na secreção, navegando de modo sempre especulativo naquilo que é a matéria viva do pensamento, tomando a ficção — enquanto força eruptiva, materna e secreta — como princípio filosófico, vital e encarnado.



A história da filosofia, as mulheres, os animais. Fotografia. 2019.

Referências

- CATREN, Gabriel. *Pleromatica*. London: Urbanomics, 2022.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1977.
- DESPRET, Vinciane. *Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?* Paris: La Découverte, 2012.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *Toward a Global Idea of Race*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- FIDYK, Valentim. Comunicação pessoal por whatsapp. 2019.
- IRIGARAY, Luce. *Speculum de l'autre femme*. Paris: Éditions de Minuit, 1974.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LE GUIN, Ursula K. *Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places*. New York: Grove Press, 1989.

MEDEIROS, Rondinelly. *Mutirões da terra: ensaios de cosmopolíticas no mundo quase-árido*. 2025. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

POVINELLI, Elizabeth A. *Economies of Abandonment: Social Belonging and Endurance in Late Liberalism*. Durham: Duke University Press, 2011.

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo: Editora 34, 2020.

SZENDY, Peter. *Kant chez les extraterrestres: philosophictions cosmopolitiques*. Paris: Éditions de Minuit, 2011.

DESPRET, V. *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-ledições, 2023.

VUONG, Ocean. *On Earth We're Briefly Gorgeous*. New York: Penguin Press, 2019.